
Xukuru de Ororubá e Fulni-Ô de Águas Belas - Saberes e tradições interrompidos pela Covid-19

Janine Ribeiro de Mendonça¹ entrevista o Professor Edson Silva²

Mais de 120 dias se passaram desde que o Brasil se viu obrigado ao isolamento social, tendo a realização de apenas atividades extremamente essenciais. O que começou com uma restrição de eventos com mais de 500 pessoas, caminhou para a tentativa de um isolamento mais rigoroso. Na capital, um dos ciclos festivos mais esperados, o São João, foi suspenso. Profissionais de saúde na linha de frente, supermercados e restaurantes tiveram que se adaptar a uma nova realidade a fim de refrear minimamente o contágio da covid-19. Os modos de vida dos grandes centros urbanos desaceleraram, e, talvez em busca de uma quietude num ambiente mais apropriado, as pessoas disseminaram o vírus em localidades do interior, ocorrendo inclusive a contaminação e mortes entre os povos indígenas. Nessa entrevista, o pesquisador da História Indígena Edson Silva, Professor Titular no Colégio de Aplicação/CENTRO DE EDUCAÇÃO-UFPE, discorreu, entre outros assuntos, sobre o enfrentamento ao coronavírus entre os indígenas, citando os impactos físicos-políticos e simbólicos para os Xukuru do Ororubá, habitantes em Pesqueira e Poção, e os Fulni-ô em Águas Belas, no Agreste de Pernambuco.

1. Professor, sua formação é bem extensa. Fale um pouco das suas pesquisas mais recentes, o segundo Pós-Doutorado em andamento. Qual é o tema da pesquisa?

Meu projeto de pesquisa do Pós-Doutorado está relacionado a uma tentativa de estabelecer conexões entre os índios na História, ou história indígena, e o que chamo uma

¹ Mestranda em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco e Bacharel em Comunicação pela Universidade Federal de Alagoas. janine.ribeiro@ufpe.br.

² Professor doutor Titular de História da Universidade Federal de Pernambuco.

história socioambiental. Eu sempre pesquisei e estudei os índios na História ou história indígena. Em rigor, nós historiadores não pensamos a “história indígena”, pois não existe uma história indígena, uma história afro, uma história da mulher. O que existe são: sujeitos diferenciados na História “em relações com”. Então, eu não posso pensar em um história da mulher, pois ocorre a história com relações de gênero. Por que as mulheres estão em relações com homens, com crianças, com outras mulheres. Portanto, em rigor, não existe uma história indígena. Mesmo aqueles grupos indígenas isolados têm relações com outros grupos. Nenhum grupo humano, nenhuma pessoa é uma ilha. Então nós chamamos história indígena, embora estejamos pensando os índios na História, nas relações com outros sujeitos, é essa a perspectiva da abordagem.

A minha pesquisa sobre os índios na história em Pernambuco, se aproximou também da História Ambiental. Por que os indígenas habitam territórios, no caso de Pernambuco, no Semiárido, Agreste e Sertão. Essa região chove pouco, com longas estiagens ou secas periódicas, e onde as relações humanas com esse ambiente são muito específicas. Observando sua presença nesse Ambiente, as disputas com fazendeiros, com os invasores, a convivência com as caatingas, com os brejos de altitudes e de pé de serra, motivaram minha busca em entender as relações históricas e também socioambientais. Buscando compreender os processos históricos nas relações dos povos indígenas com o ambiente específico do Semiárido, ou seja, os acessos, os usos, os significados, as formas dos indígenas se relacionarem com as matas, com os rios, os espaços. As formas de plantio... Minha proposta de pesquisa é discutir quais as conexões históricas dos povos indígenas, no caso específico do povo Xucuru do Ororubá, habitantes em Pesqueira e Poção, com o ambiente. Quais são as práticas agrícolas? Quais são os conhecimentos que socializam de geração em geração? As formas de compreender as longas estiagens, as formas de conviver com esse ambiente. É uma tentativa de conectar essas relações históricas desses grupos humanos nesse ambiente específico do Semiárido.

2. As pessoas ainda se surpreendem ao saber que existem indígenas no Nordeste, e mais ainda nesse contexto da sua pesquisa atual?

Essa é uma preocupação minha muito grande. Precisamos desconstruir certas imagens e discursos. São visões equivocadas sobre os povos indígenas. Em geral, nós temos uma visão muito marcada sobre os povos indígenas. Ou é uma visão romântica, com muitas influências

da Literatura do aprendizado escolar, sobre o índio no Xingu ou na Região Norte; ou folclorizada, ou exótica. Muitas pessoas querem ter um índio para chamar de seu! Colocar em cima da estante, dizer que é um bicho exótico e que fala uma língua estranha. Há certa fetichização da cultura indígena, do cocar, do colar, das pinturas corporais indígenas. Embora sejam importantes para os indígenas afirmarem a identidade, em geral as interpretações pelos não índios são imagens muito caricatas.

No ensino de História, eu venho discutindo muito essa temática: quais são as imagens e os discursos que nós temos sobre os povos indígenas? A maioria dos povos indígenas no Nordeste habitam no Semiárido, são poucos os povos indígenas no litoral. E são povos indígenas ditos “misturados”, que “não são mais exóticos”, pois não correspondem à imagem folclorizada, não tem mais uma língua diferenciada, à exceção dos Fulni-ô, habitantes em Águas Belas, e povos indígenas no Maranhão. Aparentemente se comportam como os não-indígenas que vivem nos centros urbanos, mas afirmam as identidades diferenciadas enquanto povos indígenas. Que indígena é esse para discutirmos na formação das pessoas, no ensino, na educação pública e na educação privada?

3. Você realiza pesquisa e tem uma atuação junto aos Xukuru do Ororubá. Qual a situação desses indígenas na atualidade diante da epidemia que estamos atravessando?

Os povos indígenas estão à margem, na periferia das políticas públicas. Os indígenas em Pernambuco, historicamente, enfrentam invasões dos territórios habitados. Poucas áreas são demarcadas, e mesmo os poucos territórios demarcados são invadidos por fazendeiros, as oligarquias rurais locais, famílias tradicionais no estado. Esses territórios estão em disputa, ocorrem conflitos, violências, perseguições, assassinatos de lideranças, criminalizações, prisões... E nesse contexto difícil de enfrentamentos e embates, ocorre a pandemia.

Existe a Secretaria Especial de Saúde indígena (Sesai) e os Distritos Sanitários Indígenas (Diseis), com composição paritária, onde os indígenas têm assentos, discutindo e acompanhando a efetivação das políticas de saúde. A Sesai é um órgão de governo. E como todo órgão de governo na atual conjuntura sociopolítica, vivencia muitas dificuldades com o corte de recursos e a não efetivação de políticas públicas de saúde para os indígenas. Os povos indígenas em Pernambuco foram atingidos pela Covid-19, a situação mais grave vem

ocorrendo com os Fulni-ô em Águas Belas, inclusive com óbitos. Há um grande número de indígenas contaminados.

O primeiro indígena contaminado em Pernambuco foi um Pankararu trabalhando como agente de saúde num hospital público em Arcoverde. O indígena afirmou que foi bem tratado, mas pensemos em questionamentos: porque um Pankararu, cujo povo indígena habita no Alto Sertão pernambucano, em Tacaratu e Petrolândia, trabalha num hospital em Arcoverde? Como foi contaminado? São questões que mostram, de certa forma, o descaso das autoridades públicas com os grupos minoritários. Não são só indígenas, os vários povos ciganos, os quilombolas também. Eu tenho lido que as comunidades quilombolas têm enfrentado situações muito difíceis nessa pandemia. Receamos pela situação e torcemos para que não aumente o número de casos graves com óbitos³.

Comenta-se que, entre os indígenas, existem também muitos casos de subnotificações. Além disso, os Fulni-ô têm enfrentado uma grande discriminação dos não índios em Águas Belas. Acusaram os índios de trazerem a doença para a cidade. Contudo, esqueceram as informações oficiais de que a Covid-19, em Pernambuco, interiorizou-se a partir de três situações: o percurso da BR-232, ou seja muitas pessoas no fluxo capital-interior, litoral-Semiárido. Em segundo lugar, quando o Recife tornou-se um ambiente crítico com grande número de infectados e mortos, muita gente veio com a família, muitas vezes contaminada, para morar nas cidades do interior onde estão os parentes. E de onde migraram décadas passadas para o Recife. E na terceira situação, muitas pessoas fugindo de São Paulo e de outros locais no Centro-Sul do país vieram para o interior do Nordeste, de Pernambuco, em ônibus clandestinos. Para burlar as barreiras sanitárias, os ônibus acessavam estradas de barro vicinais e desembarcavam as pessoas vindas de São Paulo, Rio de Janeiro, etc. nas áreas rurais, nos sítios. E os chamados transportes alternativos, muito comuns no interior, apanhavam essas pessoas e traziam para as cidades.

Houve várias denúncias sobre esses ônibus clandestinos vindos de São Paulo. Inclusive denúncias em cidades vizinhas a Arcoverde, onde atualmente estou morando. Denúncias de pessoas que morreram com a Covid-19 durante o trajeto da viagem. Nessa situação, todos os passageiros, inclusive o motorista do ônibus, possivelmente foram

3 Quando ocorreu a entrevista Pernambuco tinha registrado 136 casos confirmados de contaminação e oito mortes entre indígenas pela Covid-19.

contaminados! Então essas pessoas vieram, contaminaram as áreas rurais, que são subnotificadas, contaminaram pessoas nas terras indígenas... Diante do aumento de casos da pandemia, o que os indígenas fizeram? Começaram por conta própria a criar barreiras sanitárias, restringindo os acessos aos territórios. Ainda assim não foi o suficiente para impedir os casos de contaminação.

Na entrada da cidade de Pesqueira existe uma empresa que realiza o abate de aves, onde trabalhavam 16 indígenas Xukuru do Ororubá que foram contaminados com a Covid-19. Diante da situação, o povo indígena Xukuru do Ororubá transformou uma escola no território indígena em um hospital de campanha, isolando os indígenas contaminados e suas famílias. Foi uma solução para que não ocorresse a contaminação em todo o território indígena. Por que esses indígenas trabalhavam nessa indústria? Não basta a demarcação da terra, como no caso dos Xukuru do Ororubá. São necessárias políticas públicas, formas de financiamento para trabalhar nessa terra, para viver do trabalho agrícola.

Nos governos passados existiam linhas de financiamento para a agricultura indígena. Quando o atual governo assumiu, todas essas linhas foram cortadas. Muitos indígenas são forçados a buscar trabalho fora do território indígena, como é o caso dos Xukuru do Ororubá. Nesse momento de pandemia, muitos se contaminam e levam para o interior do território e para suas famílias o vírus da Covid-19.

Eu tenho escutado muitas reclamações dos indígenas na atual situação da pandemia. Os testes prometidos em junho pela Sesai nunca chegaram a Pernambuco. As equipes de saúde tinham dificuldades de infraestrutura, de insumos. Eram muitas promessas oficiais, mas o Governo Federal não repassava os recursos necessários. A Remdipe (Rede de Monitoramento de Direitos Indígenas em Pernambuco), que reúne indígenas e pesquisadores, publica um boletim semanal, com um balanço da situação e vem apontando os descasos das autoridades públicas de saúde com os indígenas no atual momento que estamos vivendo.

4. E sobre a assistência de saúde fora dos territórios indígenas demarcados, é uma situação muito questionável aqui no estado, assim como em outras regiões do país?

No último Censo de IBGE/2010, no Recife mais de 3600 pessoas se autodeclararam indígenas. Onde estão esses indígenas? Muitas vezes é o porteiro do prédio, é o motorista de ônibus, a empregada doméstica, o gari, é o seu vizinho na periferia... Precisamos visualizar esses indígenas. Percebê-los, pois assim como “esquecemos” os ciganos, outra categoria que é

completamente invisível, é muito necessário discutir onde estão essas pessoas com suas demandas específicas. Pensar, no caso dos indígenas, quais são as possíveis conexões ou não com seus territórios de origens. Nas escolas públicas estaduais e municipais, nos centros urbanos, estudam muitos filhos, filhas, netos e netas, sobrinhos e sobrinhas de indígenas que há décadas habitam na cidade, a maioria nas periferias em ambientes de corriqueiras violências, com ausências de políticas públicas. É necessário, portanto, visualizar essas pessoas, conhecer as suas demandas e apoiá-las em suas reivindicações.

Existe uma expressão que as autoridades públicas utilizam, e que os indígenas têm um repúdio enorme, “índios desaldeados”. Por que isso significa dizer que estão alijados de qualquer atendimento da saúde e da atenção básica indígena, por estarem fora dos territórios de origens. Em Recife, há uma grande presença de indígenas morando em bairros como o Coque, no Ibura, em Dois Irmãos, nos altos e córregos da grande Casa Amarela e nas cidades vizinhas de Olinda, Paulista, Jaboatão. Essa população é completamente desassistida. Não têm direito a um atendimento diferenciado como garante a lei, por que são indígenas considerados “desaldeados”, quando a legislação reconhece que são indígenas e com direitos em qualquer ambiente.

Ainda em se tratando de indígenas no universo urbano, outra situação agravante que observamos e naturalizamos é a migração de índios Warao vindos da Venezuela, que estão nas capitais e também em grandes cidades do interior do Nordeste. Em razão da situação sociopolítica naquele país, esses indígenas migram para a Região Norte e posteriormente o Nordeste do nosso país. Estão em Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife. E também no interior de Pernambuco, em Caruaru, Arcoverde, Petrolina... Mal falam o Espanhol e tem muitas dificuldades para conversar em Português. No Recife, atualmente são vistos nos sinais com crianças pedindo ajuda.

Em Recife, estão abrigados como refugiados, em casas mantidas pela Prefeitura Municipal. No Bairro dos Coelho, numa casa com cerca de 50 pessoas. Há outra casa no Bairro de Santo Amaro, próximo ao Hospital Oswaldo Cruz. Mal falam o Português, tem outras práticas socioculturais, alimentares e estão sendo apoiados de forma ainda muito precária pelo Estado brasileiro. No Recife, no início de maio, ocorreu uma morte pela Covid-19 de um indígena com 80 anos. Existe todo um trâmite que enfrentam para o *status* de refugiados. Vem sendo realizado um esforço, envolvendo questões diplomáticas legais, para

acolhê-los de forma adequada, sendo necessário reconhecer e respeitar as suas especificidades étnicas.

Em João Pessoa, há um grupo abrigado numa escola, muitos foram contaminados com o vírus, mas são assintomáticos. Ou seja, transmitem, mas não manifestam. Atualmente, colegas pesquisadores estão acompanhando a situação, inclusive sobre a alimentação, sobre as condições de saúde das muitas crianças, etc. Os Warao vieram com famílias, com crianças e estão, nesse momento, expostos demais às doenças. Essa questão dos índios nos centros urbanos sempre foi muito difícil diante da ausência de políticas públicas, e se agravou mais ainda com os índios “refugiados venezuelanos”.

5. Em Pernambuco, existem conflitos pela exploração de territórios indígenas, semelhantes aos enfrentados pelos indígenas na Amazônia com os garimpeiros?

Em geral, os povos indígenas enfrentam conflitos com a cidade porque o município quer crescer, quer se expandir, e acusa o território indígena de impedir isso. Historicamente os indígenas são perseguidos por fazendeiros, oligarquias locais e até autoridades públicas. São expulsos dos territórios, enfrentam muitas violências com prisões injustas e assassinatos de lideranças. A situação que eu conheço mais próxima é a de Pesqueira. A oligarquia local e a maioria dos moradores não indígenas. Na cidade não compreendem, não aceitam, por exemplo, que os indígenas tenham áreas de matas preservada. Com os Xukuru do Ororubá, mesmo com a terra demarcada e homologada, há um processo em curso de um fazendeiro pedindo reintegração das terras que ocupava com a sua fazenda! O processo está tramitando na justiça, foi negado em algumas instâncias, mas continuava tramitando. A cidade tem um preconceito muito grande contra os indígenas. Chamando-os de bêbados, vagabundos, inventam, criam e divulgam narrativas horríveis e totalmente descabidas contra os Xukuru do Ororubá. Todo município habitado por um povo indígena, onde existe um território indígena, ocorre muitos preconceitos, principalmente por parte dos não índios moradores na cidade, nas zonas urbanas, onde também em geral habitam indígenas. Paralelo a isso, com a pandemia, esses preconceitos, esses estigmas aumentaram. Existe muitas queixas em relação à falta de informações, sobre a prevenção contra a covid-19. E também que a Sesai no estado de Pernambuco tem a estrutura precária de fornecimento de álcool em gel, máscaras e para o acompanhamento aos indígenas infectados.

6. O Isolamento de povos indígenas e quilombolas que vivem em territórios demarcados é completamente diferente do praticado por pessoas vivendo nos centros urbanos. Dos povos indígenas que você tem contatos, o que precisou mudar de forma emergencial na dinâmica da organização social deles?

Os povos indígenas que estabeleceram barreiras sanitárias também restringiram a circulação dentro dos territórios. Restringindo os fluxos entre a cidade e o território indígena. Mas existem relações estabelecidas há muitos anos. Então os indígenas precisam se deslocar para comprar alguns gêneros que não são produzidos nos territórios indígenas, tem pessoas que migraram para a cidade por questões de saúde, de estudos, por terem sido perseguidas e expulsas pelos fazendeiros invasores. Esse fluxo das famílias indígenas nos centros urbanos e territórios ocorre com muita frequência. E diante da situação, os indígenas têm reclamado muito da falta de assistência pública. Por exemplo, sobre a distribuição de álcool gel, de máscaras, informações, pois é necessário explicar o que é a Covid-19, as formas de contaminação, de prevenção.

Os indígenas têm dinâmicas próprias. Nos territórios ocorrem dinâmicas específicas. Uma das ideias centrais é o conceito de família, a família é extensa. As pessoas moram próximas, todos são parentes. Inclusive, quando escutamos as coisas, é necessário ter muito cuidado por que todo mundo é primo de alguém ou tio de alguém (risos).

Morando em Arcoverde, comprávamos semanalmente, todas às sextas feiras bem cedo, frutas e verduras produzidas pelos Xukuru Ororubá, que habitam a cerca de meia hora e traziam produtos orgânicos para comercialização. Interromperam essa atividade pelo receio da contaminação com os não índios e de levar a Covid-19 para o território indígena.

Era uma forma de ganhar a vida deles, um aspecto muito importante para os indígenas em geral em Pernambuco, no Semiárido. São habitantes em regiões úmidas, disputadas historicamente pelos fazendeiros. Nas áreas com água, onde nascem os rios e há momentos de chuvas com invernos bons, possibilita-se aos indígenas uma agricultura para o consumo e a produção de frutas e verduras que abastecem as cidades vizinhas. Com a pandemia, essas relações foram interrompidas. Ficamos privados de comprar as frutas e verduras orgânicas produzidas pelos Xukuru dos Ororubá, sem data para retorno das vendas. Os indígenas, com muitos receios, pensaram em retornar às vendas em julho. Não foi possível com a situação da pandemia. Atualmente estão falando em agosto ou setembro... Essas famílias que comercializavam chegavam ao ponto de vendas às 5h da manhã, antes das oito horas não

havia mais nada para vendaer! É importante observar que essa mesma cidade que discrimina os índios, chamando-os de preguiçosos, invasores de terra, compram rapidamente toda a produção orgânica produzida pelos indígenas.

7. E quanto ao luto, como eram os rituais fúnebres antes da pandemia e o que os indígenas estão sendo obrigados a fazer na atualidade?

Depois do assassinato de “Xicão”, Cacique Xukuru do Ororubá, em 1998, os indígenas criaram no território um cemitério chamado o cemitério da Pedra d’Água, na Mata da Pedra d’Água, na aldeia do mesmo nome. O que tem um significado sociopolítico e sociocultural muito grande. Os Xukuru Ororubá afirmam que não enterram, não sepultam, plantam os indígenas mortos e matados. Plantam para que deles nasçam novos guerreiros. Cada indígena é uma semente de um novo indígena, de uma nova indígena, que será mais um/a participante nas mobilizações pela reivindicação por direitos. Em situação normal, os Xukuru de Ororubá, que conheço mais de perto, quando morre um/a indígena, principalmente aqueles/as que estão mais próximos das mobilizações, lideranças, são levados em cortejo para ser plantado/a na citada Mata. Participam do cortejo parentes, amigos e não índios solidários e convidados com o momento.

Lembrando também que num passado recente, nas periferias das cidades, assim como nos territórios indígenas, existia a prática de velar o morto em casa. Para as pessoas visitarem e, como falavam nas cidades, “beberem o morto”. Nas cidades, as pessoas passavam a noite às vezes bebericando, tomando café, conversando muito. Eram rituais de sociabilidade importantíssimos! Inclusive, muitas vezes iniciavam namoros! Velar o morto como um momento de encontro de vizinhos, de pessoas que não se viam há muito tempo, parentes que estavam distantes, vindos São Paulo e de outros lugares. As pessoas tomavam uma cachacinha por causa do frio, ou um café com bolachas e passavam a noite velando o corpo da pessoa que estava na sala ou num quarto. Era uma forma de confortar também o viúvo ou a viúva.

Entre os indígenas, falando dos Xukuru do Ororubá, com a pandemia, velar os mortos não foi possível. Escutei sobre uma situação, uma indígena, que inclusive é da área de saúde, relatou que o tio morreu e foi muito doloroso por que a família teve que sepultar o corpo rapidamente. Sem ocorrer o ritual de velar o falecido, reunir a família, vivenciar essa forma de sociabilidade. Essa é uma situação muito difícil para os indígenas.

Não poder velar, não poder vivenciar essa sociabilidade, não pode se despedir... Sem realizar o cortejo com a pessoa falecida até a Mata da Pedra d'Água, sem o Toré, sem acompanhar o “plantar” a pessoa. Sem os cantos indígenas, sem os familiares, amigos, vizinhos, parentes em uma cerimônia com um sentido de despedida, mas também de comunhão.

Naquele momento de tristeza, partilhando o momento de angústia, de dor, mas também fortalecimento. Com a pandemia, obviamente, foi impossível vivenciar o momento como ocorre em tempos de normalidade. Com falecimento recente do tio, a indígena Xukuru do Ororubá relatava, por exemplo, que a tia dela, bastante idosa, estava sofrendo muito por não se despedir do filho que seria sepultado.

8. Os Yawalapiti do Xingu suspenderam realização do Kuarup, o ritual em homenagem aos mortos, esse ano, em razão da pandemia, como uma medida de diminuir a propagação da doença. Os Xukuru do Ororubá cancelaram alguma atividade importante ao longo desses meses?

Dois momentos muito significativas foram cancelados! A Assembleia anual Xukuru do Ororubá, que nesse ano seria a 20ª edição. Todo ano, desde 2000, ocorre no território Xukuru do Ororubá a assembleia anual, de 17 a 19 de maio. E no dia 20, uma homenagem ao Cacique “Xicão”, assassinado, a mando de fazendeiros, por um pistoleiro em 1998. Essa assembleia é um momento importante ao reunir as lideranças Xukuru de Ororubá, avaliar as decisões tomadas no ano anterior e planejar o ano seguinte. Reúnem-se representantes das equipes de saúde, da educação, das organizações internas Xukuru do Ororubá. Em 2019, cerca de 3.000 pessoas participaram do evento. O povo Xukuru do Ororubá é contabilizado de 11.000 e 12.000 indígenas. Nas assembleias também é discutida a situação da política do país, e no ano passado, por exemplo, um dos temas foi a Reforma da Previdência e a política indigenista. Nas assembleias ocorrem muitos debates, mesas-redondas, apresentações.

Especialistas são convidados. Participam várias representações de povos indígenas em Pernambuco, no Nordeste, no Brasil, até do exterior. Indígenas norte-americanos participaram em uma das últimas assembleias. É um grande acontecimento sociopolítico para o povo Xukuru do Ororubá. A homenagem ao Cacique “Xicão” é realizada na Mata da Pedra d'Água, onde o líder está plantado. Depois ocorre uma grande caminhada até o centro de Pesqueira para o local do seu assassinato no Bairro “Xucurus”, quando foi visitar a irmã dele na manhã do dia 20 de maio de 1998. É um bairro muito importante, pois foi formado a partir de

indígenas que migraram para a cidade, a maioria expulsos das suas terras pela agroindústria do extrato de tomate, doces e conservas, a exemplo da Fábrica Peixe.

Esse ano a Assembleia Xukuru do Ororubá ocorreu no formato on line. Participamos de debates por meio digital, apresentações musicais e exposições de documentários. Os indígenas foram orientados a ficarem em casa. Na programação da assembleia, teve momento de mística, de espiritualidade pra pensar as relações com os Encantados, quando cada um/a foi orientado/a a acender sua vela e fazer os rituais em casa com a família. Foi uma dinâmica totalmente diferenciada.

Outro momento importante é durante os festejos anuais na Aldeia Vila de Cimbres. Em junho, no dia 23, anualmente, os Xukuru do Ororubá celebram a festa do “Senhor” São João ou Kaô, como os negros se dirigem aos orixás. No território Xucuru de Ororubá, teve uma grande presença de escravizados negros. Existiam fazendas de gado que utilizaram a mão de obra negra escravizada. Além disso, quando observamos o mapa do Quilombo dos Palmares, incluía a região de Garanhuns e Pesqueira. Em Pesqueira existe um quilombo chamado Negros do Osso. Em uma Dissertação de Mestrado, foram citadas lideranças do quilombo deslocando-se para Cimbres, no território indígena, local onde iniciou a missão de catequese religiosa cristã. Então há parentesco de pessoas desse quilombo e com indígenas no território Xukuru do Ororubá, que se casaram. No Livro de Tombo da Paróquia de Cimbres, existe registros de casamentos de negros com índios, registros de batizados sendo indígenas e negros padrinhos, por essas razões o porquê do o termo Kaô.

No São João, os indígenas realizam ritual da “busca da lenha”, quando, às 15h do dia 23, vão na Caatinga buscar lenha. Cada pessoa trás um pedaço de madeira e deposita defronte ao templo da Igreja católica Romana, na Aldeia Vila de Cimbres. O local é semelhante a um povoado rural e foi onde iniciou a colonização portuguesa na região. A igreja foi a sede da missão para catequizar os índios. Em Cimbres, anualmente ocorrem rituais religiosos públicos indígenas. Em outra parte do território, na Aldeia Pedra d’Água, onde o “Xicão” está plantado, ocorrem rituais mais restritos.

No dia 23 de junho à noite, indígenas das 24 aldeias Xukuru do Ororubá participam da missa com trajes específicos, onde o Pajé ou o Cacique fazem um discurso. E finda a celebração, começam dançando o Toré na igreja e depois saem para continuar em torno do templo enquanto a fogueira está queimando. À meia noite, os indígenas se dirigem a uma pedra próxima, a Laje do Conselho, local em que não-índios são proibidos. Os indígenas mais

idosos fazem previsões para o ano e relatam que se alguém escorregar nessa pedra morrerá durante o ano. Em 2020, esse ritual, por exemplo, não aconteceu em razão da pandemia.

Uma semana depois, no dia 2 de julho, ocorre a festa da Nossa Senhora das montanhas, também em Cimbres. Festa da padroeira da antiga missão entre os Xukuru de Ororubá. Para os católicos romanos é uma festa regional que participam muitos não índios. Para os Xukuru do Ororubá é a festa de Tamain, uma entidade feminina do panteão religioso indígena. Também a ocorre a “busca da lenha” na Caatinga à tarde, para a fogueira à noite. Os índios realizam uma procissão pelas ruas de Cimbres, onde somente os índios ornamentam a imagem e carregam o andor. Os indígenas afirmam que Nossa Senhora das Montanhas é uma “cabocla e quem achou a imagem dela na mata foi um índio”. “Tudo bem, é a festa da Nossa Senhora das Montanhas. Mas, para gente é Tamain. Ela é uma índia e só a gente cuida dela.” Uma estratégia de resistência do tipo: se não pode com seu inimigo, alie-se a partir dos seus interesses. Esse ritual também não foi realizado em 2020, devido situação da pandemia da Covid-19.

Estamos vivenciando um momento de grande retrocesso sociopolítico com a negação dos direitos indígenas. E a meu ver, nesse momento, é muito importante garantir as conquistas fixadas na Constituição Federal/CF aprovada em 1988 e em vigor. Essa Constituição é um marco para os povos indígenas no Brasil, pois pela primeira vez o Estado brasileiro reconheceu os índios com direitos a serem índios! Até 1988, havia uma expectativa de aculturação, a concepção que os indígenas deixariam de ser índios para se tornarem cidadãos brasileiros, sem direitos aos territórios demarcados e possivelmente morando nas favelas, nas periferias das cidades. A Constituição Federal reconheceu o direito de ser índio, reconheceu as expressões socioculturais diversificadas e reconheceu os territórios indígenas, ainda que não tenha sido realizadas as demarcações nos próximos cinco anos como previa o texto constitucional. Os territórios indígenas são diferentes dos territórios quilombolas, que são demarcados em nome da comunidade e é uma propriedade coletiva da associação quilombola. Na CF-1988, por interferência dos militares, foi definido que os índios têm a posse das terras. Não são os donos do território onde habitam, a terra habitada pelos indígenas são propriedades e patrimônio da União, do Estado brasileiro. Os indígenas têm a posse permanente para o uso e fruto. E apenas removidos salvo catástrofes e interesses nacional. A construção da Hidrelétrica de Belo Monte foi realizada em nome de um interesse nacional. Mas o Brasil, depois de 1988, assinou a Convenção 169 do OIT (Organização Internacional

do Trabalho) determinando que os índios tinham de ser consultados! Todavia, os governos petistas não consultaram os povos indígenas que se mobilizaram denunciando os impactos sobre seus territórios e foram contrários à construção. Foram desrespeitados os povos indígenas, a CF-1988 e a Convenção 169.

Precisamos pensar e ver os povos indígenas como protagonistas da/na História. Meu receio que no atual contexto sociopolítico, nesse momento tão difícil, com vários indígenas infectados e mortos pela pandemia, as pessoas passem a ver os indígenas com olhar de piedade, de vitimização, de coitadinhos. Temos que entender que nós somos parceiros e os indígenas são os protagonistas, são os sujeitos sociopolíticos e enfrentam essa situação com o nosso apoio, nossa solidariedade enquanto pesquisadores e pesquisadoras, intelectuais, ativistas e agentes sociais. Sendo nosso compromisso apoiar as mobilizações indígenas por reconhecimento, conquista e garantias de direitos, por vida digna e plena.